



UNIVERSIDADE FEDERAL DO RIO DE JANEIRO
FACULDADE DE LETRAS

**MODOS DE EXISTIR: CORPO E AFETIVIDADE EM *O CANTO DOS ESCRAVIZADOS*, DE
PAULINA CHIZIANE**

Marilia Pereira de Jesus

Rio de Janeiro
Ano 2021

MARILIA PEREIRA DE JESUS

MODOS DE EXISTIR: CORPO E AFETIVIDADE EM *O CANTO DOS ESCRAVIZADOS*, DE PAULINA CHIZIANE

Monografia submetida à Faculdade de Letras da Universidade Federal do Rio de Janeiro, como requisito parcial para obtenção do título de Licenciado em Letras na habilitação Português/Literaturas.

Orientadora: Prof.^a Dr.^a Vanessa Ribeiro Teixeira

RIO DE JANEIRO

Ano 2021

MARILIA PEREIRA DE JESUS

MODOS DE EXISTIR: CORPO E AFETIVIDADE EM *O CANTO DOS ESCRAVIZADOS*, DE PAULINA CHIZIANE

Monografia submetida à Faculdade de Letras da Universidade Federal do Rio de Janeiro, como requisito parcial para obtenção do título de Licenciado em Letras na habilitação Português/Literaturas.

Aprovada em: 28/06/2021



Vanessa Ribeiro Teixeira – Universidade Federal do Rio de Janeiro



Maria Lúcia Guimarães de Faria – Universidade Federal do Rio de Janeiro

CIP - Catalogação na Publicação

PD278m Pereira de Jesus, Marília
Modos de existir: corpo e afetividade em O canto dos escravizados, de Paulina Chiziane / Marília Pereira de Jesus. -- Rio de Janeiro, 2021.
25 f.

Orientador: Vanessa Ribeiro Teixeira.
Trabalho de conclusão de curso (graduação) - Universidade Federal do Rio de Janeiro, Faculdade de Letras, Licenciado em Letras: Português - Literaturas, 2021.

1. Afetividade. 2. Corpo. 3. O canto dos escravizados. 4. Paulina Chiziane. 5. Azoilda Loretto da Trindade. I. Ribeiro Teixeira, Vanessa, orient. II. Título.

AGRADECIMENTOS

Agradeço aos que vieram antes de mim, meus ancestrais, que lutaram pela minha vida. Agradeço aos que virão depois de mim, que são o meu sonho.

Agradeço à minha mãe Irailde Santana Pereira e ao meu pai João Souza de Jesus, por me incentivarem, muitas vezes sem saber ao certo o que eu estava fazendo, e por respeitarem, sem questionar, o meu tempo para chegar até aqui.

Agradeço às minhas irmãs, Manuela e Monica, por todo o apoio, questionamentos, e por me inspirarem em busca do meu talento.

Agradeço ao encontro com minha orientadora Prof.^a Dr.^a Vanessa Ribeiro Teixeira que, em meio às minhas lágrimas e soluços, aceitou me orientar em direção a essa travessia que, durante muito tempo, foi muito tortuosa, difícil e solitária.

Agradeço ao meu processo de autoconhecimento, que muitas vezes fez com que eu não quisesse levantar da cama para continuar seguindo em direção aos meus sonhos, por me deparar com questões sem saber como resolvê-las, mas que se tornou, cada dia mais, fundamental para que eu esteja conquistando tudo o que eu sempre quis, e que me permitiu reconhecer que o meu lugar é onde eu quiser estar, inclusive, na Academia.

Agradeço a mim, por não ter desistido.

“A minha questão era essa. Este é o nosso canto. É o canto da eternidade. Temos que nos perguntar todos os dias se somos livres ou se somos escravos”.

Paulina Chiziane

SUMÁRIO

1. INTRODUÇÃO.....	8
2. TEORIA DOS AFETOS E CONCEITO DE AFETIVIDADE	11
3. AFETOS QUE COLONIZAM	14
3.1. Tristeza.....	14
3.2. Ódio	16
4. AFETOS QUE LIBERTAM.....	19
4.1. Ira.....	19
4.2. Amor	21
5. CONSIDERAÇÕES FINAIS	23
6. REFERÊNCIAS.....	24

1. INTRODUÇÃO

O presente trabalho tem como objetivo investigar, na obra poética *O canto dos escravizados*, da escritora moçambicana Paulina Chiziane, que, em linhas gerais, aborda a temática racial e fala sobre o percurso dos africanos dentro e fora do seu continente, quais são os afetos que colonizam e quais libertam os corpos negros presentes nos cantos que compõem o livro. O ponto de partida desta investigação é a teoria dos afetos, presente na *Ética* de Spinoza (2019), em diálogo com o conceito de afetividade, cunhado pela intelectual negra Azoilda Loretto da Trindade (2006).

Publicado pela primeira vez em 2017, em Moçambique, o livro de Paulina recebeu o título de *O canto dos escravos*. Entretanto, na edição brasileira, publicada pela editora Nandyala, em 2018, o título sofreu alteração, com consentimento da autora, e foi publicado como *O canto dos escravizados*. Atualmente, para refletir sobre a escravização como um processo de objetificação do indivíduo negro, utiliza-se o termo escravizados ao invés de escravos, evidenciando a condição de exploração imposta ao negro, que servia apenas como instrumento de força braçal, símbolo de poder e *status* social para seus donos, sendo negada a sua humanidade e restando apenas, para eles, posições de subserviência.

Este trabalho tem como objetivo investigar, por meio de pesquisa bibliográfica, como a potência dos corpos negros representados nos poemas de Paulina Chiziane varia positiva ou negativamente, de acordo com a forma como são afetados, fazendo com que eles sejam percebidos como corpos colonizados ou livres, levando em consideração o processo de escravização que se enraizou perversamente no nosso cotidiano.

Esta pesquisa tem como principal embasamento teórico os textos da intelectual negra Azoilda Loretto da Trindade, entre eles “Fragmentos de um discurso sobre afetividade”. Além disso, recorreremos às discussões reunidas em obras como: *Ética*, de Spinoza; *Pele negra, máscaras brancas*, de Frantz Fanon; *Tornar-se negro*, de Neusa Santos Sousa e *Negritude: usos e sentidos*, de Kabengele Munanga.

Este estudo surge dos atravessamentos que as palavras de Paulina causaram na afetividade da autora deste trabalho, ao perceber o quanto tais poemas conversam com as suas narrativas e refletem suas vivências. Entretanto, tais escritos não são apenas poemas que tratam da temática racial. Trata-se de um percurso para a reconstrução da memória do povo negro.

Nosso corpo é afetado pelo mundo e, apesar de sermos uma parte muito pequena dele, ainda assim, somos uma parte da potência de ser. Assim, tendo o corpo como veículo da

memória, o recorte étnico-racial torna-se importante para refletirmos sobre as formas com que os corpos negros são afetados no cotidiano e quais são os impactos produzidos em seu modo de existir no mundo. São inúmeros os fios que atravessam a construção da afetividade dos corpos negros e o racismo é o estímulo dos demais, a partir do qual toda uma configuração existencial é montada.

Embora a obra seja escrita em versos, Paulina Chiziane diz que não se trata de poesia. Trata-se de um canto: o dos escravizados. Entretanto, entender poesia como um canto, não se torna uma perspectiva paradoxal. O fato da autora escolher lidar com essa produção como cantos e não como poemas nos possibilita associar essa ideia de canto à conjugação entre poesia e música, em que a música, através do ritmo, favorece a reconstrução da memória. Nesse sentido, a obra pode ser lida ou cantada.

O canto, assim como a dança, na cultura africana, diz respeito à arte que preenche o espírito, o lado invisível do ser humano, afirma Paulina (2017): “A medida em que cantamos e dançamos coletivamente, fortificamos o nosso espírito. Ganhamos respiração para enfrentar a nossa luta”. Luta essa, segundo Chiziane, incondicional e permanente para alcançar e para preservar a liberdade. No livro, a autora convida o leitor a autoavaliar-se e encontrar suas formas de liberdade, em busca da autolibertação. De forma assertiva e sensível, Dionísio Bahule (2017), o prefaciador da primeira edição do livro afirma: “Este canto dos escravizados é também um convite para a memória, um convite para que todos nós tenhamos a coragem de chorar de forma coletiva”.

A sujeição do povo africano à condição de escravizados produziu efeitos devastadores na manifestação da afetividade do negro. Além dos assassinatos nos navios negreiros, das violências em forma de castigos dados pelos colonizadores, muitos atentaram contra a própria vida. O sequestro de seu território, da vida em comunidade, da oralidade, ligações afetivas e a posterior diáspora por diversos lugares do mundo, sendo eles escravizados, teve efeito de perda de referências tão acentuadas e ancestrais.

Diante disso, torna-se urgente entender de que forma é construída a afetividade do sujeito negro, a fim de identificar possibilidades de construção de novas narrativas para que possamos perceber a verdadeira necessidade da descolonização, não só dos corpos, mas também da mente do negro.

Para esta investigação, dividimos o trabalho em cinco capítulos. No primeiro capítulo, apresentamos a introdução, que aqui se lê; no segundo capítulo, será brevemente apresentada a teoria de afetividade do filósofo holandês Spinoza (2019) e o conceito de afetividade da intelectual negra Azoilda Loreto da Trindade (2006); no terceiro capítulo, dissecaremos alguns

poemas de Paulina Chiziane para trabalharmos os afetos que aprisionam os corpos negros presentes em seus escritos; no quarto capítulo, os afetos que libertam, a partir, também, da interpretação de poemas selecionados; por fim, no quinto capítulo, as considerações finais da pesquisadora.

2. TEORIA DOS AFETOS E CONCEITO DE AFETIVIDADE

Ao pensarmos sobre afetos, não há como evitar que venha em nossa mente um dos filósofos clássicos, que é o holandês Spinoza. Em seu livro *Ética*, o autor se debruça sobre a natureza e a origem dos afetos, levando ao surgimento da teoria dos afetos. Sobre tal termo, o autor entende: “Por afeto compreendo as afecções do corpo, pelas quais sua potência de agir é aumentada ou diminuída” (SPINOZA, 2019, p.115).

O propósito do autor diz respeito a compreender os afetos para que, cada vez mais, eles possam ser utilizados de maneira que potencialize, ainda mais, o ser humano. Dessa maneira, de acordo com a teoria do filósofo, tal propósito só pode ser alcançado graças à relação entre mente e corpo: “O corpo humano pode ser afetado de muitas maneiras, pelas quais sua potência de agir é aumentada ou diminuída” (SPINOZA, 2019, p.116). Para o autor, corpo e mente são apenas uma coisa, diferentemente do que diz a tradição. Assim, a ligação entre o corpo e a mente precisa ser refletida de maneira concomitante e não concorrente, pois, na medida em que um corpo afeta e é afetado, mais forte a mente fica para pensar.

Nesse contexto, o corpo tem a mente como ideia e um não se sobrepõe ao outro, pelo contrário, um é espelho do outro. Assim, um corpo que tem a capacidade de sentir tem uma mente que tem a capacidade de pensar e, quanto mais um corpo existe essencialmente, mais ele é afetado por outros corpos de sua convivência.

Para Spinoza, quanto mais modificações um corpo atravessa, mais ele é preenchido, fazendo com que a nossa potência de existir varie. Nesse sentido, por nosso corpo ser constantemente afetado, a potência é o que o define, e o que faz nossa potência variar é a natureza desses afetos. O afeto de alegria, por exemplo, aumenta a nossa potência, já a tristeza, diminui.

O filósofo ainda afirma que:

Devemos, pois, nos dedicar, sobretudo, à tarefa de conhecer tanto quanto possível, clara e distintamente, cada afeto, para que a mente seja, assim, determinada, em virtude do afeto, a pensar aquelas coisas que percebe clara e distintamente e nas quais encontra a máxima satisfação (SPINOZA, 2019, p.265).

Para conhecermos o que for possível sobre afeto, torna-se importante trazermos aqui, segundo Spinoza, o que difere afecção de afeto. A afecção está no campo do presente, do instantâneo, do puro. Trata-se de um acontecimento direto e sempre faz a nossa potência de existir variar. Por outro lado, o afeto é a nossa capacidade de existir com a potência de ser variando. Envolve um passado, algum acontecimento direto anterior, e uma capacidade de existir no futuro. Por isso, a origem dos afetos são as afecções.

O grande exercício que Spinoza nos traz em *Ética* é exercer a capacidade de refrear o efeito que os afetos de medo e de esperança, por exemplo, têm sobre nós, tendo em vista que devemos sempre ter uma parcela de cada um desses afetos em nós, pois somos uma parte do todo, uma parte finita desse todo.

Diante disso, em diálogo com a teoria dos afetos do filósofo holandês, a intelectual negra Azoilda Loretto da Trindade, a partir de suas pesquisas, cunhou o conceito de afetividade, que corresponde aos afetos, sentimentos e emoções, que têm relação direta com o nosso modo de existir no mundo. Dessa maneira, a afetividade é o que nos faz humanos e, em concordância com o que diz Spinoza, os nossos afetos se manifestam através do nosso corpo.

Sobre o corpo, a intelectual afirma:

O corpo é vida. É o aqui e o agora. É a potência. É a possibilidade. Com o corpo afirma-se a vida, se vive a existência. Ele traz uma história individual e coletiva, uma memória a ser preservada, inscrita e compartilhada. Desta maneira, o corpo conta histórias (TRINDADE, 2006, p.98).

Assim, podemos perceber o corpo como a possibilidade de existirmos e sermos no mundo. Segundo Azoilda (2005), a corporeidade é a maneira que temos de compreendermos o nosso “ser” e “estar” no mundo, é o que materializa a nossa energia vital. Nessa perspectiva, compreender sobre corpos negros que, durante muito tempo, tiveram sua existência anulada, negada, sua condição de existir e ser no mundo, subjugada, quando não, apagadas, nos permite refletir sobre a construção de novas possibilidades de construir nossas afetividades e questões relacionadas às nossas subjetividades em contextos e espaços diferentes: “nossos corpos são como templos sagrados de uma ancestralidade potente e pujante que atua a todo momento e em todos os espaços, modificando e transformando existências” (SILVA, 2020, p.52).

A intelectual afirma, também, que é pela afetividade que nos unimos:

Em outras palavras, porque o mundo é um montão de gente, um mar de fogueirinhas e para que as fogueirinhas existam, queimem, sejam calmas ou tenham a intensidade capaz de incendiar outras pessoas, é fundamental a nossa afetividade. Porque afetividade tem relação direta com o influenciar e ser influenciado, potencializar, possibilitar. Porque afetividade está relacionada ao gostar de gente, propiciar encontros, contatos, afetos e afetações. Porque afetividade nos reporta ao corpo e porque os corpos são potências, possibilidades, amorosidade. A afetividade é uma manifestação corporal, uma expressão corporal fundamental para os encontros, contatos, para as expressões de desejos, pensamentos individuais e coletivos, de emoções as mais diversas, de sentimentos como amor, ódio, cuidado. Em síntese, a forma, a maneira como estou/sou no mundo afeta o mundo, as pessoas (TRINDADE, 2006, p.102-103).

Assim, podemos perceber que a ação de afetar o outro, nos encontros causados pela vida, faz com que tenhamos a possibilidade de aumentar ou diminuir não só a nossa potência, mas também a do outro. Por isso, é importante pensarmos sempre de que forma queremos influenciar na vida do outro e de que forma permitimos que o outro influencie nas nossas vidas,

ao nos afetarem. Entretanto, tais encontros nos fazem mais completos.

Como dito anteriormente, a construção histórica da humanização do sujeito negro foi baseada em muita violência e ódio. Por isso, torna-se necessário refletirmos aqui sobre as relações de afeto e afetividade desses indivíduos, tendo em vista que o afeto é o que, como bem nos falou Azoilda, nos humaniza e faz com que nós possamos ser e existir no mundo. A partir dessa existência, cada indivíduo molda o seu próprio caminho, pois somos seres únicos e afetados, cada um, de um modo diferente, seja dolorosamente, ou tranquilamente.

Dentro desta perspectiva, pensar sobre afetividade é também pensar ações que possibilitem uma transformação social e individual pelo resgate de memórias, ancestralidade e a força vital que nos move e que nos fortalece, proporcionado o rompimento com o racismo que marca nossos corpos, criando enfim, uma sociedade que respeite as subjetividades de todos os sujeitos envolvidos (SILVA, 2020, p.56).

Assim, evidenciaremos como a afetividade, em especial, de um sujeito negro, contribui e atravessa as relações em que nossos corpos são expostos e envolvidos, a partir da teoria dos afetos, presente na *Ética* de Spinoza (2019), em diálogo com o conceito de afetividade cunhado pela intelectual negra Azoilda Loretto da Trindade (2006). Para isso, interpretaremos poemas retirados do livro *O canto dos escravizados*, de Paulina Chiziane.

Nos próximos capítulos, dissecaremos as linhas e as entrelinhas do que Paulina nos canta, a fim de identificar afetos que diminuem e que aumentam a potência de ser, influenciando o modo dos sujeitos negros, representados ali, existirem no mundo, fazendo com que eles sejam lidos como corpos livres ou colonizados.

3. AFETOS QUE COLONIZAM

De acordo com a teoria de Spinoza, em *Ética*, todos os afetos são (bio)políticos. Os afetos são nossa matéria-prima da política e circulam no corpo social. Por isso, podemos pensar que alguns afetos, principalmente aqueles que diminuem a nossa potência de ser e existir no mundo, colonizam a mente e o corpo do ser humano.

Nesse sentido, o corpo é um termômetro perfeito para medir tal potência, que pode variar positiva ou negativamente, de acordo com as nossas afecções, através dos afetos. Dessa maneira, nos subcapítulos que seguirão, buscaremos explicar, de maneira profunda, a partir das interpretações de dois poemas selecionados, baseadas na teoria dos afetos de Spinoza e no conceito de afetividade de Azoilda Loretto da Trindade, como os afetos de tristeza e ódio colonizam, não só o corpo, mas também a mente dos sujeitos negros escravizados, presentes nos cantos de Paulina Chiziane.

3.1. Tristeza

Um dos afetos que faz com que a potência de existir do ser humano varie negativamente, é a tristeza. O filósofo holandês Spinoza define a tristeza como: “A tristeza é a passagem do homem de uma perfeição maior para uma menor” (SPINOZA, 2019, p.126). Nessa perspectiva, a perfeição, para Spinoza, é o que existe, é tudo isso que já está aqui, a partir da natureza Divina.

Dessa forma, a tristeza está relacionada à menor capacidade de agir, algo que aconteceu e que diminuiu a capacidade de agir de um determinado indivíduo. Nesse contexto, o acontecimento que gerou a tristeza no corpo negro representado no poema intitulado “O canto dos escravizados”, homônimo da obra objeto de estudo deste trabalho, é o processo de escravização dos sujeitos negros. A seguir, será possível fazer a leitura do poema citado:

O CANTO DOS ESCRAVIZADOS

Acorrentado vim, cruzando o mar
 Atormentado fui no negrume do porão
 Aqui estou na América
 Chorando de dor, ó mãe África!

Escravizado sou, como animal
 Comprado fui por quem só me fez mal
 Aqui estou na América
 Chorando de dor, ó mãe África!

Estou lutando para me libertar
 E bem depressa regressar ao lar
 Aqui estou na América
 Chorando de dor, ó mãe África
 (CHIZIANE, 2018, p.29).

A autora inicia o poema narrando o sequestro dos negros escravizados de África para a América e retrata o quão violento foi esse percurso. Além disso, no primeiro verso da segunda estrofe, Chiziane faz uso da metáfora “escravizado” é “animal” para denunciar a maneira como os sujeitos negros eram tratados pela sociedade. Entretanto, o que mais nos chama atenção é a expressividade da dor, que se faz presente em todo o poema, tornando evidente o afeto de tristeza que carrega o poema, “chorando de dor”. Sobre a dor causada pelo afeto de tristeza, a psicanalista e psiquiatra Neusa Santos Sousa nos explica:

A experiência da dor inscreve-se no registro das representações e afetos adscritos à ordem da morte, da destruição. Diante da dor, o que interessa é recompor a integridade do aparelho psíquico esgarçado pelo estímulo excessivo. Na “experiência de dor”, ao contrário da “experiência de satisfação”, o movimento do psiquismo rigidifica-se. Reduz-se a acionar a excitação dolorosa. O modelo de compreensão das reações psíquicas face à dor é o da compulsão de repetição, como Freud demonstra a propósito das neuroses traumáticas (SANTOS, 1983, p.9).

Nesse sentido, constatar a experiência da dor como algo repetitivo no poema, é constatar o quanto os africanos escravizados foram submetidos a violências desmedidas, simplesmente por serem quem são. É possível percebermos o canto como uma súplica, um pedido de socorro à Mãe África, local em que tais personagens eram livres, felizes e gozavam da liberdade. Assim, podemos perceber como o afeto de tristeza, causado pelo processo de escravização, faz com que a potência do corpo negro representado varie negativamente, fazendo com que ele seja percebido como um corpo colonizado, que ainda não transgrediu as barreiras impostas pela sociedade ao seu redor.

Por fim, na estrofe que encerra o poema, Paulina nos traz um pouco da expectativa do negro escravizado de sentir novamente a liberdade que outrora fora experimentada. Entretanto, sobre ela está associada a luta, uma vez que não será fácil possuir o que já se teve um dia. Ao escrever “Estou lutando para me libertar”, é possível identificarmos um desejo inicial de transgredir as barreiras mencionadas anteriormente, entretanto, isso ainda não é o suficiente para que a libertação aconteça, tendo em vista que é necessário que a potência de ser desse indivíduo varie positivamente, e isso só será possível através de um afeto que não é a tristeza, mas que conheceremos mais adiante neste trabalho.

3.2. Ódio

O afeto de ódio é descrito por Spinoza como: “O ódio não é mais do que uma tristeza concomitante à ideia de uma causa exterior” (SPINOZA, 2019, p.128). Diante disso, podemos perceber que os afetos que colonizam, escolhidos para este estudo, dialogam entre si, tendo em vista que, a partir do afeto de tristeza, outros afetos se desdobram, como nesse caso, o ódio. Nesse contexto, sentimos ódio quando nossos planos não saem como gostaríamos, ou, por exemplo, quando algo não está a nosso favor. Assim, o ódio faz a ligação entre o meu corpo, que mede a minha potência de ser e existir no mundo, e o corpo externo que me afeta.

A construção da afetividade do indivíduo negro, até hoje, é atravessada pelo racismo estrutural que compõe a nossa sociedade. O racismo destruiu e destrói a autoestima e a afetividade do negro, tendo em vista que tal violência faz com que muitos de nós não consigamos enxergar o nosso valor, a nossa beleza, a nossa intelectualidade. Reparar todos os danos causados pelo racismo demanda muita potência de ser; entretanto, nem sempre a nossa potência varia positivamente, como veremos a seguir, através do afeto de ódio.

Sobre o efeito do racismo na relação do negro com o próprio corpo, a psicanalista e psiquiatra Neusa Santos Sousa, em sua obra *Torna-se negro*, nos diz:

A partir do momento em que o negro toma consciência do racismo, seu psiquismo é marcado com selo da perseguição pelo corpo-próprio. Daí por diante, o sujeito vai controlar, observar, vigiar esse corpo que se opõe à construção da identidade branca que ele foi coagido a desejar. A amargura, desespero ou revolta resultantes da diferença em relação ao branco vão traduzir-se em ódio ao corpo negro (SOUSA, 1983, p.6).

Nesse sentido, o canto intitulado “Medo de ser”, presente no livro de Paulina, evidencia perfeitamente esse aspecto:

MEDO DE SER

I

Fiz de tudo para deixar de ser quem sou
Aprendi a língua deles com mestria
Mas o linguajar de imitação cai quando estou só

Clareei a pele com pomadas milagrosas
Dias depois voltou a escurecer mais do que antes
Desfrisei os cabelos com ferro quente e soda cáustica
A chuva caiu sobre mim e o cabelo voltou ao mesmo

Não penso. Só repito o que eles dizem
Se penso, a minha ideia deve ser aprovada por eles
Não toco nada da minha herança africana
Espero sempre que me digam o caminho a seguir

Não sonho. Tenho medo de ser repreendido
Não crio nada, imito. Copio tudo o que fazem
Eles me aceitam bem porque me submeto

E me deixam comer as migalhas das suas mesas
 II
 Dizem que nada sou. Por isso hoje me rebelo
 Por que tenho que imitar o outro eternamente?
 Até quando irei sufocar a expressão do meu ser?
 Quando deixarei eu de desprezar a mim mesmo?
 (CHIZIANE, 2018, p.128).

No momento em que a autora nos escreve: “Fiz de tudo para deixar de ser quem sou”, podemos perceber que o “medo de ser” está associado integralmente ao ser negro. Isso fica cada vez mais evidente à medida em que versos como: “Clareei a pele”; “Desfrisei os cabelos”; “Só repito o que eles dizem”, vão aparecendo ao longo da cantiga.

Nesse sentido, Kabengele Munanga (2009), em seu livro *Negritudes: usos e sentidos*, discorre sobre as tentativas de assimilação dos negros aos valores culturais e aparência dos brancos, assim, promovendo a aceitação da colonização e a autorrecusa. Dessa forma, como afirma Munanga, o caminho da desumanização do negro, escolhido pelo colonizador, criou sua desestabilidade cultural, moral e psíquica, deixando-o sem raízes, para melhor dominá-lo e explorá-lo (MUNANGA, 2009).

O branco como modelo e como desejo faz com que o sujeito negro se empenhe maneiras de abeirar esse ideal branco, aproximação que reflete no apagamento das características corporais do negro: afinar seus traços, esticar os cabelos, branquear a pele e até desejar o apagamento total de seu corpo, sua própria extinção.

Portanto, no primeiro movimento do canto, que corresponde às três primeiras estrofes, percebe-se que a experiência da afetividade do corpo negro é marcada pelo desprezo e pelo afeto de ódio que o colonizador lançou sobre as vidas negras desde a escravização e que dura até os dias atuais. O afeto de ódio que, inserido na afetividade do negro, tem como resultado um violento processo de auto-ódio por se sentir inferiorizado diante dos privilegiados da supremacia branca, fazendo com que a potência de ser do corpo negro varie negativamente, comprometendo o seu modo de existir no mundo.

Entretanto, lemos, no segundo movimento do canto, que corresponde à última estrofe, o seguinte verso: “Dizem que nada sou. Por isso me rebelo”. As construções interrogativas que se seguem demonstram o movimento do lugar de auto-ódio para o lugar de revolta, atravessando a experiência do afeto de raiva, como sendo a calha pela qual o que ficou preso e internalizado na afetividade possa ecoar como um canto de liberdade por toda a malha afetiva do tecido social.

Segundo o psiquiatra e filósofo francês, Frantz Fanon, em *Pele negra máscaras brancas*:

O negro não deve mais ser colocado diante deste dilema: branquear ou desaparecer, ele deve poder tomar consciência de uma nova possibilidade de existir; ou ainda, se a sociedade lhe cria dificuldades por causa de sua cor, se encontro em seus sonhos a expressão de um desejo inconsciente de mudar de cor, meu objetivo não será dissuadi-

lo, aconselhando-o a “manter as distâncias”; ao contrário, meu objetivo será, uma vez esclarecidas as causas, torná-lo capaz de escolher a ação (ou a passividade) a respeito da verdadeira origem do conflito, isto é, as estruturas sociais (FANON, 2008, p.95).

O movimento percebido no poema dialoga com o que nos diz Fanon, na medida em que, a partir do momento que o sujeito negro percebe que não lhe restam apenas duas opções: branquear ou desaparecer, ele se movimenta em direção à liberdade de ser quem se é, como veremos mais profundamente no subcapítulo a seguir, com os afetos que libertam os corpos negros presentes nos cantos de Paulina.

4. AFETOS QUE LIBERTAM

A ideia de liberdade, de acordo com Spinoza, não está relacionada ao livre-arbítrio. A liberdade, nesse contexto, é o estágio mais próximo que o sujeito tem de si próprio. Tal ideia começa a ser desenvolvida após a criação da teoria dos afetos. Entretanto, para falar sobre a liberdade, precisamos estabelecer um breve diálogo com a servidão, também estudada pelo filósofo holandês. Na servidão, os afetos não estão acompanhados pela razão, pelo conhecimento, mas na liberdade sim. A grande questão de tais contextos diz respeito a qualidade desses afetos.

Para refletirmos sobre a qualidade dos afetos que libertam os corpos negros escravizados, representados nos poemas de Paulina Chiziane, selecionamos dois afetos: a ira e o amor, que podem ser percebidos como afetos que possibilitam que esses corpos transgridam as barreiras impostas pela sociedade, ao redor dos seus corpos negros, a partir do aumento de suas potências de serem e existirem no mundo, como veremos a seguir.

4.1. Ira

O afeto de ira, muitas vezes, pode ser interpretado como um afeto que faz com que a potência de ser do ser humano varie negativamente, entretanto, para Spinoza, é justamente o contrário. O afeto de ira é a habilidade de mudar as coisas. É o gatilho para que movimentos aconteçam, nesse caso, um movimento que faz com que o sujeito possa se libertar das amarras da colonização, tendo em vista que esse afeto faz uma interrupção, dá um basta às violências sofridas pelos sujeitos negros, em virtude do processo de escravização.

Nessa perspectiva, a afetividade negra, liberta do auto-ódio, faz com que a potência do corpo negro varie positivamente e ganhe lugar para a criação de novas possibilidades de existência. Assim, o sentimento de não pertencimento, ao invés de paralisar o indivíduo torna-se combustível para a resignificação do pensar em si, nos outros indivíduos negros e, também, na branquitude.

Nesse sentido, como canto de liberdade, Paulina Chiziane escreve:

AQUI ESTOU!

Fizeram-nos crer que o verdadeiro mundo está fora de nós
Por isso temos quebrar a prisão interior

É tempo de erguer os altares e colocar flores nas nossas almas
E gritar para a liberdade: aqui estou! Nasci para a liberdade!

Prisioneiros da dor, tememos o voo da imensidão
Por vezes julgamos que só os outros têm asas para voar
Sobe à pirâmide da tua alma e olha do alto a beleza do mundo
E comanda a tua vida com o vigor de um poderoso cavaleiro

Afasta os espinhos da dor, canta e dança
Ensina o antigo opressor a dar uns passos de dança
Dá-lhe um abraço de perdão como um verdadeiro irmão
Rodopiem juntos ao som do batuque da libertação
(CHIZIANE, 2018, p.133).

Dando continuidade ao movimento de construção de outras relações consigo, a leitura do canto nos faz perceber a tomada de consciência do negro, à medida que o início do seu processo de construção de identidade é descrito, como uma espécie de lembrança, através dos versos: “Fizeram-nos crer que o verdadeiro mundo está fora de nós, por isso tememos quebrar a prisão interior”. Embora temessem quebrar, nos versos seguintes tal prisão interior não é mais percebida, pois as barreiras que foram colocadas ao redor dos corpos negros começam a ser transgredidas pelos próprios sujeitos negros, com o intuito de ficar no centro da cena, como podemos perceber nos versos: “Sobe à pirâmide da tua alma e olha do alto a beleza do mundo e comanda a tua vida com o vigor de um poderoso cavaleiro.” Parafraseando a intelectual negra Giovana Xavier, podemos perceber os corpos negros em um movimento de objetos à sujeitos narradores de suas próprias histórias.

Nesse sentido, evocamos as palavras de Kabenguele Munanga (2009), quando fala sobre o negro recusar a assimilação ao branco:

Era tempo de buscar outros caminhos. A situação do negro clama uma ruptura, e não um compromisso. Ela passará pela revolta, compreendendo que a verdadeira solução dos problemas consiste não em macaquear o branco, mas em lutar para quebrar as barreiras sociais que o impedem de ingressar na categoria dos homens. Assiste-se agora a uma mudança de termos. Abandonada a assimilação, a liberação do negro deve efetuar-se pela reconquista de si e de uma dignidade autônoma. O esforço para alcançar o branco exigia total autorrejeição; negar o europeu será prelúdio indispensável à retomada. É preciso desembaraçar-se dessa imagem acusatória e destruidora, atacar de frente a opressão, já que é impossível contorná-la (MUNANGA, 2009, p.43).

Diante disso, podemos perceber que o afeto de ira possibilitou que o sujeito negro encontrasse uma solução para ingressar na categoria dos seres humanizados, a partir do aumento da sua potência de ser, que influenciou diretamente no seu modo de existir no mundo. Dessa maneira, o sujeito negro deixa de ser colonizado e pode ser percebido como um ser livre, que conseguiu enxergar o seu valor próprio, a sua beleza e a sua intelectualidade. Tais percepções contribuem diretamente para a restauração da afetividade do negro, que foi, e ainda é, diariamente atravessada pelos danos do racismo.

4.2. Amor

O afeto de amor é definido por Spinoza (2019, p.172) como: “Uma alegria acompanhada da ideia de uma causa exterior”. Diante disso, pensar no amor como um afeto que liberta os corpos dos sujeitos negros dos poemas de Paulina, levando em consideração que ele faz com que a potência de ser desses indivíduos varie positivamente, é algo transgressor. Nessa perspectiva, o amor torna-se uma ferramenta para a elaboração de novas narrativas para a construção da afetividade do negro.

É com o amor que construímos identidades, a partir de novas formas de ser, longe dos modelos pré-determinados, longe do que é esperado para o indivíduo negro, longe dos estereótipos. Dessa forma, é no amor que a liberdade começa, pois, só ele permite abandonar a servidão e compreender-se como sujeito digno de humanidade algo que, durante muito tempo, foi negado.

Para pensarmos mais profundamente sobre o afeto de amor, iniciaremos a interpretação do poema intitulado “Africanidade”, de Paulina Chiziane:

AFRICANIDADE

I

É apontar um espaço geográfico como ponto de origem
 É certeza de que há um lugar onde reside o cordão umbilical
 É sentir orgulho dos ancestrais que lutaram pela tua vida
 E venceram o troar dos canhões com a força da esperança

É saber que mesmo com as independências a luta continua
 E a escravatura pode voltar se não segurares a liberdade
 É lutar contra a inferioridade com que te pintam no mapa do mundo
 E seguir o teu próprio caminho sem medo dos julgamentos do outro

II

É conhecer a tua própria essência que ainda não conheces
 É procurar a tua sabedoria, trabalho que ainda não fizeste
 Com medo de ser ridicularizado pelos senhores do mundo
 É resgatar o teu passado, registrá-lo e preservá-lo

É reabilitar o teu mundo que as invasões perverteram
 É ter capacidade de viver com várias culturas em simultâneo
 A que te impuseram, a que te pertence e a que te agrada
 Aquela que escolheste para com ela conviver

III

A africanidade não está na superficialidade garrida das capulanas
 Africanidade é a busca da tua existência desde o princípio do mundo
 É libertar a mente para não te colonizares a ti mesmo
 É colocar o saber das academias ao serviço da liberdade

IV

Africanidade não é raça mas essência
 Há negros que agem como colonialistas
 Que são piores que os antigos escravagistas

Ser africano é amares-te a ti mesmo
 A África é mais do que um território físico
 É um lugar nobre dentro da tua consciência
 (CHIZIANE, 2018, p.131).

No primeiro movimento do poema citado, que corresponde à primeira, à segunda e à terceira estrofe, podemos perceber, a partir da descrição do que é africanidade, que a autora olha para trás, para os seus ancestrais, para a sua cultura, para escrever o presente e o futuro. Para isso, a autora faz uso de termos que nos remetem à história e ao processo de escravização. Além disso, é importante observarmos, também, que, mesmo após a libertação dos corpos negros, a necessidade de segurar a liberdade é pujante, tendo em vista que, se não a segurar, a escravização pode voltar.

Nas sete estrofes que compõem o poema, a autora nos conta a história do povo africano. Começando pelo início de tudo, a terra natal, o cordão umbilical, a ancestralidade; atravessando o pertencimento de ser quem se é, com tudo que o constrói e nos faz refletir sobre a profundidade do que vem a ser a africanidade; por fim, e mais importante, Paulina diz: “Ser africano é amares-te a ti mesmo”. Assim, tal afirmação nos remete ao afeto de amor, aqui trabalhado. A partir do momento em que o sujeito negro permite amar a si mesmo, a força necessária para girar a engrenagem do mundo, aparece.

O amor próprio, muito bem ressaltado pela autora, faz com que a potência de existir no mundo desse indivíduo negro varie positivamente e atinja toda a potência necessária para quebrar os paradigmas e fazer com que a sua afetividade, o seu modo de existir no mundo, seja exercido de maneira digna e humanizada. Assim, podemos perceber que o amor, próprio ou coletivo, se levarmos em consideração o conceito de viver em comunidade, tão caro às culturas africanas, é força motriz para a mudança da realidade que fere e que mata diariamente milhares de pessoas negras, no Brasil e no mundo.

5. CONSIDERAÇÕES FINAIS

Vimos, ao longo deste trabalho, como em *O canto dos escravizados* a potência dos corpos negros varia positiva e negativamente, de acordo com a forma como são afetados, fazendo com que eles sejam percebidos como corpos colonizados ou livres, levando em consideração o processo de escravização.

Para pensarmos na variação negativa da potência de ser, trouxemos, aqui, os afetos de tristeza e ódio, que serviram para a interpretação dos poemas intitulados “O canto dos escravizados” e “Medo de ser”. A partir das leituras desses poemas, identificamos que os afetos de tristeza e ódio, dialogantes entre si, fizeram com que os corpos negros representados nos poemas fossem percebidos como corpos colonizados, tendo em vista que tais corpos, por estarem com sua potência de ser aviltada, não conseguiram estilhaçar as amarras da colonização, influenciando diretamente e negativamente o seu modo de existir no mundo.

Já os afetos selecionados para pensarmos na potência de ser variando positivamente foram os de ira e amor, utilizados nas interpretações dos poemas intitulados “Aqui estou!” e “Africanidade”. Nesses casos, a potência de ser e estar no mundo dos corpos negros variou positivamente, fazendo com que eles deixassem de ser objetos e virassem sujeitos narradores das suas próprias histórias.

A percepção desse movimento, da colonização à liberdade, é fundamental para que possamos refletir sobre a construção de novos modos de existir no mundo, não só do sujeito negro, mas da sociedade como um todo. Entretanto, o recorte étnico-racial torna-se necessário, pois, a afetividade desses indivíduos foi construída em um terreno cheio de violência e ódio, mas não são esses afetos que gostaríamos de continuar encontrando ao estudarmos a afetividade, ou qualquer outro aspecto da vida do sujeito negro.

Assim, torna-se urgente que continuemos refletindo sobre a maneira como o racismo destruiu e ainda destrói a capacidade e o modo de existir no mundo de pessoas que, durante muito tempo, lutaram pela sua humanidade. Não podemos naturalizar a dor, o auto-ódio e a tristeza desses indivíduos, pelo contrário: devemos amplificar essas vozes que foram silenciadas e oferecer a humanidade negada, para que cada vez mais a ira possa abrir espaço para que o amor seja o afeto que transforme, positivamente, a existência desses seres.

6. REFERÊNCIAS

BIDIMA, Jean-Godefroy. *De la traversée: raconter des expériences, partager le sens*. Rue Descartes, /, n.36, p.7-17. Tradução para uso didático por Gabriel Silveira de Andrade Antunes.

CHIZIANE, Paulina. *O canto dos escravizados*. Belo Horizonte: Nandyala, 2018.

MBEMBE, Achille. *Necropolítica*. Arte & Ensaios. Revista do ppgav/eba/ufrrj, n.32, dezembro, 2016.

MUNANGA, Kabengele. *Negritude usos e sentidos*. 3ª ed. ampliada e revista pelo autor. 1ª e 2ª ed. pela Editora África. Belo Horizonte: Autêntica, 2009. (Coleção Cultura Negra e Identidade).

AMMA, Psique e Negritude. *Os efeitos psicossociais do racismo/* [Edição e entrevistas de Fernanda Pompeu] – São Paulo: Instituto, 2008.

SCHWARCZ, Lilia; GOMES, Flávio (Orgs.). *Dicionário da escravidão e liberdade: 50 textos críticos*. 1ª ed. São Paulo: Companhia das Letras, 2018.

SILVA, Gisele Rose da. *Azoilda Loretto da Trindade: o baobá dos valores civilizatórios afro-brasileiros*. Dissertação (Mestrado) Centro Federal de Educação Tecnológica Celso Suckow da Fonseca, 2020. p.89.

SOUSA, Neusa Santos. *Tornar-se negro: as vicissitudes da identidade do negro brasileiro em ascensão social*. 2ª ed. Rio de Janeiro: Edições Graal, Coleção Tendências, v. 4, 1983.

SPINOZA, Baruch. *Ética*. Lebooks Editora, 2019. (Coleção Filosofia) (eBook Kindle).

TRINDADE, Azoilda. *A formação da imagem da mulher negra da mídia*. Tese (Doutorado). Rio de Janeiro. UFRJ/ECO, 2005.

TRINDADE, Azoilda. Educação-Diversidade-Igualdade: num tempo de encanto pelas diferenças. In: GEPIADDE: Itabaiana Publicação Semestral. *Dossiê: discussões em torno das identidades étnico-raciais e indígenas na educação*. Revista Fórum, Ano II, v.3, n.3, jan-jun. 2008.

TRINDADE, Azoilda. Fragmentos de um Discurso sobre Afetividade. In: BRANDÃO, Ana

Paula; TRINDADE, Azoilda Loretto; BENEVIDES, Ricardo (Org.). Saberes e Fazeres, vol.1: *Modos de Ver*. 1ªed. Rio de Janeiro: Fundação Roberto Marinho, v. 1, 2006. p. 101-113

FANON, Frantz. *Pele negra, máscaras brancas*. Tradução de Renato da Silveira. Salvador: EDUF, 2008.

TRINDADE, Azoilda. Percurso Metodológico. In: BRANDÃO, Ana Paula (Org.). Saberes e Fazeres, v.4: *Modo de Fazer*. 1ªed. Rio de Janeiro: Fundação Roberto Marinho, v. 4, p. 1-132. 2010.

VEIGA, Lucas. *Descolonizando a psicologia: notas para uma psicologia preta*. Factual: Revista de Psicologia, v.31, n. esp., set. 2019. p. 244-248.